

Contra as deportações sem julgamento

O Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidária da C. G. T. dirige-se à Associação dos Advogados solicitando a colaboração da sua palavra e da sua pena para o estrangulamento desta monstruosidade jurídico-social

A organização operária portuguesa continua a fazer ouvir as suas vozes para o momento caso das deportações, continuando a surgir de todos os lados os mais veementes e indignados protestos contra semelhante barbaridade. A excitação, o nervosismo aumentam cada dia que passa sem que a nossa voz consiga perfurar o duro timpano do ouvido governamental, sem que naqueles corações e cérebros empedernidos consiga entrar uma restea de sentimento ou um raiozinho de luz.

A nada o bruto se move...
O Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidária da C. G. T., na continuação do desenvolvimento da sua acção contra as deportações, acaba de dirigir à Associação dos Advogados o seguinte interessante officio:

*A' Ex.ª Direcção da Associação dos Advogados:

A Confederação Geral do Trabalho, por intermédio do seu organismo específico—o Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidária—vem trazer junto da Associação dos Advogados o seguinte protesto contra as deportações sem julgamento, ultimamente levadas a efeito, certa de que este protesto não poderá deixar de encontrar entre os profissionais do foro, entre os juristas e juriscônultos honestos e distintos de Lisboa e do país a natural e lógica repulsa e a mais formal reprobção.

A organização operária portuguesa não se solidarizou—nem podia solidarizar-se—com indivíduos que, acobertando-se com ideais elevados e generosos, à sombra deles têm praticado uma série de actos anti-sociais que constituem, à face da lei, os chamados crimes de direito comum.

O governo, servido pela policia—a quem passaram a dar funções superiores—as dos tribunais, pois a eles se sobrepõe—deportou-os. É, à mistura, na cegueira da perseguição, no deslumbramento estulto dos factos triunfos e das louvaminhas de ignorantes, deportaram honestos operários que nenhuma convicção tinham com semelhantes indivíduos e que nenhuma acção—direc-

ta ou indirecta—tívamos tido na prática desses actos delictivos.

E aí começou o nosso protesto, que se tem vindo a acentuar e a desenvolver sem que, no entanto, até agora haja chegado a produzir os seus salutareos e urgentes resultados.

Acontece, porém, que, se não podemos nem devemos conceder nenhuma espécie de solidariedade material ou moral ao bandidismo deplorável de meia dúzia de indivíduos, gerados numa sociedade imperfeita e viciada, não podemos nem devemos também deixar de elevar a nossa voz e com ella—se for necessário—o nosso braço, contra o monstruoso principio anti-jurídico das deportações sem julgamento, levadas à prática seja contra quem for.

Convencidos de que—quaisquer que sejam as suas crenças religiosas, os seus partidos políticos, os seus preconceitos ou ideais sociais—neste ponto estarão do accordo todos os homens de pensamento e, mormente, todos os juriscônultos e homens do foro, à Associação dos Advogados nos dirigimos na íntima convicção de que o nosso protesto nela encontrará o eco natural e de que, em suma, a nossa acção será secundada, em breve e proficentemente, por uma classe que a este protesto virá dar o cunho profissional e todo o brilho da sua consagrada eloquência e da sua pena experimentada, argumentadora e límpida. E' o que de vós solicitamos, seguros de que não é em vão que o fazemos, sendo assim auxiliados pela vossa Associação nesta honrosa cruzada pelo Direito e pela Justiça.

A convicção que o Secretariado Nacional de Assistência Jurídica não seguramente tem e tão consistentemente manifesta, também nós a temos.

A Associação dos Advogados não perderá, por certo, a ocasião de mais uma vez honrar as suas tradições, marcando com vigor, com desassombro e brilho a sua posição neste pleito que se debate no grande tribunal da vida social portuguesa e onde o Direito é calcado, a pés juntos, pela incompetência, pela ignorância e pela maldade.

UM DÉSPOTA

que não foi déspota, mas apenas um pobre diabo, orientado por um cabo de esquadra

Caíu o governo...
Deixou de ocupar as cadeiras do poder um homem que presidiu a um ministério que deixou atrás de si um rasto de sangue, e os alcores da mais odiosa tirania que ensombra a memória dos grandes ditadores desaparecidos, dos grandes ditadores que chamaram sobre os seus nomes, o ódio de um país inteiro.

Esse homem, comandado por um chefe de esquadra, antigo bototeiro, carrasco de presos, figura sinistra de verdugo da liberdade, só equiparado à trágica evocação do carcereiro Teles Jordão, por um insignificante incidente parlamentar, viu de súbito fugir-lhe a autoridade, o prestigio do mando, aquele prestigio que cega, e que é a origem das violências levadas a efeito por criaturas as mais inofensivas, as mais pacíficas, as menos categorizadas.

O ex-presidente do ministério, vai regressar ao lar, vai agora ter tempo para dedicar-se a sua família e, para meditar na tração dos homens, nas ciladas do politico, nos armadilhas dos falsos amigos que de momento para o outro, reduzem um estadista, um ditador, à insignificancia dum homem somente preocupado com as suas pantufas, numa vulgaridade de cidadão que pode viver a vida tranqüilla do anonimato.

Então, quando o sr. Vitorino Guimarães, depois de abandonar a pasta de presidente do Ministério, largar a máscara de ditador, e entrar na sua casa, respirando de alívio, desejoso de descansar do tremendo frete realizado, livre de todos os compromissos políticos, ele pensará certamente, o que foi a sua passagem pelo poder, meditará seguramente na sua acção como ministro.

A sua consciencia adormecida despertará. Junto de sua familia elle voltará a sentir, como sentem todos os homens, e então um trágico balanço dominará por um pesadelo, as suas inevitáveis recordações.

A sua passagem pelas cadeiras do poder, apparecer-lhe-há como uma alucinação, em que tomara vida, os assassinos, sangrantes do ainda, acusando implacavelmente os actos do seu governo. Apparecer-lhe-há também, o espectro daquele preso, que enloqueceu com as torturas dos esbirros modernos, que foram aprender nos anais da inquisição, os melhores processos de arrancar confissões.

Não o deixará dormir, o clamor das mães dos deportados, das familias de toda esta gente perseguida, torturada nas prisões, durante o governo da sua presidencia.

Para se defender, para acalmar a consciencia, bastava gritar:
—Não fui eu... Quem governou não fui eu... Quem orientou, mandou, encarcerou, deportou e consentiu nos assassinatos de presos, não fui eu... foi um chefe de policia...

Eu nada fiz. Eu não mandei porque o meu poder não era mais do que uma lilluzão, uma farça. Quem mandava no meu governo, não era eu, era esse chefe maldito, esse verdugo sem sensibilidade, esse carcereiro, com uma alma mais empedernida de que todos os carcereiros de sinistra memoria, Sr. Vitorino Guimarães... Ninguém o ouviu. A sua defesa, a sua justificação, será inútil. A historia, que já está reunindo os seus elementos de coordenação, será indiferente aos seus apelos. O presidente do governo era o senhor e só o sr. Vitorino Guimarães passará à historia como tirano, como verdugo, como chefe de governo que mais perseguiu a liberdade.

Al tempo o resultado do trágico balanço do sr. Vitorino Guimarães!
Um ministro que não foi ministro, um chefe de policia, grosseiro, insolente, covarde, que acobertado com a sua autoridade pratica as mais repugnantes violencias.

A revolta na China

A attitude do corpo diplomático

PEQUIM, 27.—Tchang-Tso-Lin partiu de Tien-Tsin para Mukden.
O embaixador britânico entregou uma nota ao ministro dos negocios estrangeiros protestando contra as ameaças de que são alvo os subditos ingleses residentes em Cantão.

O corpo diplomático reuniu-se para apreciar a situação, deliberando aguardar instruções dos seus respectivos governos antes de tomarem quaisquer deliberações.

O "Daily Telegraph" contra a Rússia Soviética

LONDRES, 27.—Referindo-se ás declarações feitas pelo sr. Chamberlain sobre a agitação chinesa, que se diz auxiliada por agentes estrangeiros em Londres, o "Daily Telegraph" continua no seu ataque ás relações diplomáticas anglo-russas.

O mesmo jornal diz que a presença do embaixador dos sovietes em Londres é uma ameaça à lei e à ordem e que não deve ser permitido por mais tempo.

RENOVAÇÃO

É por estes dias que inicia a sua publicação a Annuaire revista gráfica quezual Renovação editada pela Secção Editorial de A Batalha. Os cartazes anunciando o aparecimento da nova publicação artistica, literária e de actualidade, de novos horizontes sociais, serão depois de amanhã afixados nas ruas da cidade e enviados para os nossos agentes e correspondentes nas provincias de quem esperamos o trabalho de proceder à sua afixação.
Os trabalhos do 1.º numero de Renovação estão muito adiantados e são de molde a fazer prever um extraordinario sucesso ao novo orgão na imprensa da vanguarda social.
Renovação vem travar combate contra o rotineiro, o arcaico, o preconceito, a moral e os ideais velhos que impedem o ingresso de Portugal no conceito dos povos que se renovam e que progredem.

ANTE A RESSURREIÇÃO DOS NEGREIROS... OS TITERES QUE QUISERAM SER TIRANOS

Vivemos uma época grande, uma época enorme pela sua ansiedade, pelo seu dinamismo, pelo seu poder renovador.

Vivemos uma hora de precusores, na Arte, na Sciencia e na Ideia. E aproximamo-nos já da fronteira dum novo Mundo. Nunca a Civilização marchou tão velozmente, nunca o homem foi, em estranhas vertigens, mais além do poder que se atribua aos deuses, como neste quartel inicial do século XX.

Nos se-há que queremos reabilitar os dorris antepassados da ignominia e da escravidão que sofreram e é certo que queremos evitar aos nossos vindouros a tirania e a expoliação que sofremos ainda.

Fundar uma Nova Vida, preenhe de Beleza e de Fraternidade, esse deve ser o nosso ideal. Chancelar definitivamente a Liberdade, esse é de todo o homem livre, o de todo o homem que vive no século XX.

Outrora o homem lutava pelas liberdades colectivas—e formava essa nova escravatura que eram as nacionalidades.

Hoje o homem deve lutar pela liberdade individual, para que as colectividades sejam verdadeiramente livres.

Essa luta travou-se. Enche de rumor o nosso século, palpita em toda a parte, em toda a parte desfilada seus estandartes, postos a serem vitoriosos.

E os combatentes honram assim a sua época, abrem novas sendas para o futuro e reabilitam a espécie e integram o Génio Humano em seu verdadeiro destino.

Hora de epopéia, que faz enlvidecer em seus túmulos as múmias do Passado.

Hora de redenção, marcada pelos relógios modernos e ante os quais os tiranos, pretéritos, se resuscitassem, sentiriam toda a ignominia dos dias em que imperaram. E recuaríamos, remontaríamos mais as cabeceiras dos séculos, para que não os alcançassem a sombra do homem contemporâneo.

Devíamos ter orgulho da nossa época! E todavia não o podemos ter integralmente!

Há homens ainda que vivem na nossa época, não para a dignificar, mas para a desonrar. Homens que querem apresentar o homem contemporâneo ao juizo do Futuro como a História apresenta ao nosso juizo os homens do Passado.

Homens que traem, em nome de ideias pretéritas o verdadeiro destino da Humanidade.

Homens que traem a espécie, que vive anelando a emancipação.

Homens que em nome de falsas colectividades espeshim os anseios das colectividades verdadeiras.

Homens que querem agrilhoar seu semelhante aos postes de suplicio que infamaram os nossos antepassados.

Homens que por orfanidade de sensibilidade para compreenderem os grandes ideais, procuram aniquilal-os, vendo ódios onde há apenas um anseio nobre de fraternidade.

Homens que são inimigos da justiça, por que eles de facto não pertencem à nossa época—e as outras épocas não conheciam mais do que injustiças.

Esses homens acabam de erguer de novo suas tentáculos em Portugal. Acabam de tornar Portugal mais indigno da Civilização do que elle já era.

Titeres que quiseram ser tiranos... Pavões que tentaram ser águias... Formigas que pensaram ser leões...

E odiaram a Liberdade. E odiaram-na ainda. E deram-lhe caça; e montaram-na como a um javali. Descerraram os cárceres, chancelaram as maiores barbaridades e, não satisfeitos ainda, resuscitaram os negreiros e deportaram homens indefesos, ludibriando as leis e afrontando a magistratura, de que se dizem servos.

Eu não confundo o crime comum com o crime das ideias, embora esteja convencido que o crime comum diminui logo que o homem seja integrado em seu verdadeiro destino, do qual a sociedade actual o desvia constantemente.

Separo, pois, os delitos comuns dos delitos, depois de deportados por delitos. Separamos, não para aplaudir a deportação dos segundos, mas para salientar a dupla injustiça feita com os primeiros.

Eu não posso aplaudir nenhuma deportação. Eu não posso aplaudir nenhuma arbitrariedade. Eu, como intelectual, tenho vergonha de viver estes dias em que a Liberdade está de luto. Depois que se deportaram homens por simples suspeita, nenhum homem em Portugal se pode considerar verdadeiramente livre.

E isto, afronta a nossa mentalidade, visto com de opprobrio todos aqueles que, teram seu sangue, através de todos os séculos, pela Liberdade.

E os homens que veem de fazer essa afronta, não tinham para isso autoridade moral—disse-o já aqui Rocha Martins. Eles não enlvideceram só a República—eles foram mais longe, enlvidendo os republicanos sinceros, se ainda os há. Eles tentaram reabilitar a monarquia.

Ao deportarem, ao prenderem sem justificação possível, ao consentirem todas as atrocidades que em Lisboa afrontaram os próprios intelectuais, porque a Liberdade foi sempre uma causa destes.

E agora, esses homens, caídos por momentos de suas penhas, demãos e ferros. E é preciso que seu coração seja de pedra para que ao afagarem a cabeça dos filhos, não sintam remorsos, ao lembrarem-se que há para aí muitas crianças e muitas mulheres que choram os pais e os maridos assassinados, deportados, encarcerados, só por que alguns d'elles pensaram que é possível a existência duma sociedade melhor.

Ferreira de CASTRO

O protesto contra as deportações

Mais uma terra do país se manifestou por meio de greve geral contra as deportações de presos sem julgamento.

Coube agora a vez a Silves, cuja população operária secundou duma forma bem expressiva os protestos de Lisboa, Coimbra, Setúbal e Portimão. Outras terras do país se manifestarão ainda, juntando o seu protesto ao das que já se pronunciarão.

É necessário, porém, que se não fique apenas neste primeiro protesto, por mais significativo que elle seja. Perante a indifferença dos governantes é preciso agir para os despertar, chamá-los à realidade.

Não bastam, para isso, as greves de protesto, nem a campanha da imprensa. É preciso que em toda a parte se façam insistentemente sessões de protesto, se promova uma agitação constante nos meios operários, por forma de que a ninguém fique duvidas sobre o interesse que ao operariado merece este atentado às liberdades e aos direitos do homem.

Nenhum homem de espirito livre tem o direito de se conservar silencioso perante o atropello que se está fazendo à Liberdade e ao Direito. Por Direito, é claro, que não entendemos as prescrições legais, quantas vezes anti-jurídicas fe desumanas, mas aquele conjunto de regalias individuais e de normas de vida colectiva que constituem o elemento indispensável duma sociedade civilizada. É indigno da nossa qualidade de homens o que querem impôr-nos. E, nem pelo facto de não termos sido atingidos directamente pelas medidas draconianas postas em vigor nos devemos indignar menos. Precisamente os que não foram atingidos por essas odiosas medidas, por não estarem em causa, é que mais autoridade moral têm para lavar o seu protesto.

O facto de um governo ter caído, não é razão para nos determos esperanças de que nos vai ser feita justiça. Os governos, numa sociedade burguesa, equivalem-se e têm uma dolorosa continuidade, que nós conhecemos muito bem. Só por uma resistência constante e tenaz, por um protesto vivo e intenso é que se consegue às vezes desviá-los da sua preocupação de domínio e de tirania.

A queda do governo nada representará para nós, enquanto essas medidas absurdas não forem revogadas e se tiver voltado à situação anterior.

Que todos os camaradas reitiam nestas palavras, e dentro da sua esfera de acção preparem a resistência a todos esses atropellos aos direitos do homem, base essencial duma vida colectiva.

Uma afirmação gratuita

A C. G. T. portuguesa mantém-se fiel aos principios que norteiam a A. I. T.

Num artigo publicado no título "Sindicalismo e Anarquismo, continuando um comentário" escreveu o jornal anarquista argentino "La Protesta" de 17 de Abril último, para propósito da acção desenvolvida por A. Pestanha na Confederação Nacional do Trabalho de Espanha, que esta não tardará a ser um instrumento do governo, como já o é a C. G. T. portuguesa!!!

Lamentamos bastante que o órgão da Federação Operária Regional Argentina, que sabe já por experiência própria como é fácil de longo deturpar-se, e exagerar-se certos factos, se tenha atrevido a fazer uma afirmação de tal ordem, sobre a qual não está habilitado a pronunciar-se, e que não pode comprovar.

A C. G. T. portuguesa, embora seja neutra na sua base, no que se refere a politica, isto é, embora admita no seu seio todos os explorados, sem distincão de credos politicos ou religiosos, agrupa-os, no entanto, só para a acção directa contra as forças opressoras do Estado e do patronato, partindo do principio de que a emancipação dos trabalhadores há de ser obra única dos próprios trabalhadores.

Em todos os congressos operários tem sido esta a tactica preconizada e aceite até à data, sendo portanto a C. G. T. portuguesa na acção que desenvolve foi anti-politica e anti-estatal, como a F. O. R. A.

Supomos que o que deu lugar ao equívoco do articulista de "La Protesta" foram alguns artigos publicados pelo jornal "A Batalha", durante o governo do demócrata radical, José Domingues dos Santos?

É natural e simples se queria dizer que se elle desejava realmente cercar, como pro-

ANTE O CADÁVER DUM GOVERNO

Caíu o governo Vitorino Guimarães—sem regosijo o afirmamos. A primeira vista esta afirmação parecia paradoxal. Então nós não sentimos alegria por ver o ministério que tanta inimidade manifestou pela classe operária, o ministério que consentiu —e quem consente, aplaude—que a policia estabelecesse a pena de morte—a mais bárbara das penas de morte—assassinando cobardemente presos, o ministério que ordenou as deportações, sem julgamento prévio?

Então nós não nos regosijamos que tivéssemos rolando por terra, atogado no sangue que derramou, na lama que acumulou, no odio legitimo—odio justo, odio formidável que criou este governo simultaneamente inundo e sinistro? Este governo de sicarios e de cúmplices, de amorios e fiacosos? Pois não nos regosijamos. Ficamos insensíveis.

E' que este governo não caiu pelos crimes que praticou, não caiu pelo que fez, tomou pelo que não fez, condenado por que assim era necessário ás ambições políticas desse politico reaccionário, mau e rancoroso que é António Maria da Silva.

As deportações estabeleceram a volta do governo a indignação da classe operária—isto é da maioria do país. Os assassinatos praticados todos pela policia, sem julgamento do governo, contribuíram para a revolução desta indignação. Parte do partido democrático—a sua facção esquerdista—combateu-as, como combateu os assassinos. Combateram-nas republicanos de grande prestigio, independentes dos caprichos politicos, como Magalhães Lima, Agostinho Fortes, Jaime Cortezão, médicos, advogados, professores e até monarchicos como o vigoroso panfleto que é Rocha Martins; combateram-nas igualmente os agrupamentos da esquerda da extrema esquerda: partidos radical, socialista e comunista. Combateram-nas a propria constituição da república, combateram-nas as proprias leis em vigor a ela subordinadas; combateram-nas a Liga dos Direitos do Homem e varias colectividades liberais e a Câmara Sindical do Trabalho no seu nobilitante e eloquente manifesto—manifesto que teve uma enorme tiragem—afirmou a profunda antipatia que pelo partido democrático nutrem as classes operárias.

Esta medida—agrávada pelos processos criminaes—criou o odio à volta do governo, descreditou-o. Quem ficou a apoiá-lo? O jornal o "Seculo" num apoio restricto ao caso das deportações que só ás forças vivas agradavam e os ex-monarchicos do partido democrático e os nacionalistas que não têm a melhor influencia na opinião pública. Apesar de tudo isso o governo não caía—agrávava-se porque os democraticos são autocratas feroces que nutrem o maior dos desprezoes pela opinião pública, preocupando-se unicamente com o meter as mãos, as mãos avidas e sujas—nos cofres do Estado.

Porque caiu então o governo Vitorino Guimarães?

O Vitorino Máximo, tinha dito no parla-

mento, que se não fossem votados os duodécimos, ir-se-ia embora. Os duodécimos não foram votados—e foi o governo, morreu. Assim foi, aparentemente.

Isso dos duodécimos é para quem não conhece politica e ignora que a verdade nunca passa dos bastidores. De facto o governo caiu, porque um homem que é dono deste país, que acima de tudo colera, sem esforço, sem dificuldade, a sua soberania, a sua autocratica vontade, assim o quiz. O governo caiu porque não convinha, porque não podia já servir a ambição politica do sr. António Maria da Silva. O governo demitiu-se por uma questão de eleições, para que era necessário deitar abaixo, demitir, todas as autoridades afectas à fracção José Domingues dos Santos e substituí-las por autoridades afectas ao sr. António Maria da Silva. Isso só podia ser feito por aquele sr. ou por um governo de cúmplices. E' esse governo que já se está fabricando, fabricando de accordo com o dono do partido nacionalista, Cunha Leal. Desta aliança de dois partidos conservadores devem sair as eleições, umas eleições pútridas, em que o eleito do partido convertido numa manada de carneiros dará aos partidos o número de deputados formados pelo accordo dos dois chefes politicos.

Foi isto o que deu ao governo abraço, para vergonha do partido democrático, para opprobrio dos politicos republicanos. E o novo governo receberá a herança de odio que este lhe transmitiu? Esta interrogação deixamos-la proposita em suspenso.

LEIAM AMANHÃ O Suplemento literário de A BATALHA

SUMÁRIO

A Escravidão e a Dor, por Mario Domingues (com gravura).

A prostituição regulamentada, pelo dr. Arnaldo Brazão.

Vida intelectual, pelo sr. Ladislau Pigarra.

O fracasso do individualismo, por Eduardo Frias.

Teatro moderno, por Nogueira de Brito.

A epopéia do trabalho.—Os compositores—Texto de Ferreira de Castro e desenho de Roberto Nobre.

Rocha Martins como novelista, (ensaio literário) por Ferreira de Castro, (com retrato).

A Mulher e a Moda, (com gravuras).

O que todos devem saber, (com gravuras).

Chico, Zecas & C.ª

Genio perdulário e Maneira de engordar, desenhos de Stuart Carvalho.

Leitura útil a toda a gente.—Arte, Actualidade, educação e utilidade.

Notas & Comentários

Indignos de resposta

O Rebate, entendeu que não devia dar-nos uma resposta. Podia responder-nos, sucintamente, em duas linhas, ou, espasmodicamente, em duas colunas. O Rebate, não nos conhece, não nos lê, não nos conhece a importância suficiente para lhe merecermos uma réplica—uma daquellas taletas réplicas em que se projecta inultrapassável e fulgurante o espirito scintillante e lícido e sereno do sr. José do Vale.

Quando somos nós? Um jornal nãoeste, limpo, que não vive do auxílio dos decoradores e malcriados e d'aviduos comerciantes Baptistas, que não faz campanhas pagas, nem defende os monopólios, ou o Rebate não ataca; um jornal que vive dos trabalhadores e que é seu órgão. Um jornal que não é reaccionário; um jornal avançado que combate os reaccionários e as potências da alta finança.

A um órgão deste quilate moral—não se responde. Não se responde igualmente ao admirável manifesto firmado por Magalhães Lima, Luz de Almeida, Agostinho Fortes e outros individualidades da Liga dos Direitos do Homem.

O Rebate só liga importância e consideração ao ex-monarquico Vitorino Godinho e ao famoso Afonso Costa, advogado do Banco Ultramarino.

Fotografia moral

Um amigo nosso, que possui uma evangelica paciência para observar certos peccados factos—e é nos pequenos factos que existe a gènesis dos grandes acontecimentos—chama-nos a atenção para uma carta que um dr. Paulo Caldeira inseriu num jornal.

Não estamos na disposição de perder tempo com certas pequenas coisas. Que nos importa a nós que o sr. Caldeira se diga esquerdista um dia e conservador o outro? Essa falta de carácter existe em muita gente, a não ser que quem nos escreve pretenda que arvoremos o sr. Caldeira em fotografia moral de muitos democraticos.

O amigo dos pobres

Dum jornal de ontem:

—Deu-nos ontem o prazer da sua visita o nosso correligionário Alberto Carneiro, distinto viajante da casa Borges & Irmao que teve a amabilidade de entregar cartas esculdas para os nossos pobres.

Aqui têm os leitores um Carneiro—coração de ouro. Quatro escudos para os pobres! Que de d'ores elles vão dulcificar, que de lagrimas elles vão estancar! Verhinhos, centenas de velhinhos, poderão voltar uma morte feliz e confortável; crianças sem lar, sem alimento, vão ficar salvaguardadas de todos os abandonos e de todas as misérias.

doentes sem recursos vão entrar em casas de saúde, recolher a explendidos sanatórios. Carneiro ficará por muito tempo recordado pela miséria humana, como mais bem-quisto dos Carneiros, e o mais Carneiro dos bemfeitores.

Este Carneiro enternece-nos com a sua alma branca de ovelha compassiva e boa. Quatro escudos para os pobres—é demais!

Um alvitre interessante

Escrevem-nos Fernando Cruz, João Cruz e Amadeu Monteiro afirmando a necessidade dos trabalhadores estarem ao par de todas as inovações e melhoramentos scientificos. Depois desta intelligente afirmação apresentaram o alvitre da aquisição dum aparelho receptor de telefonia sem fios que permitisse escutar as audições, de musica e canto. Esse aparelho poderia sair relativamente barato, desde que houvesse operários dispostos a manufacturar artigos pegos.

Lembravam os autores do alvitre que o aparelho fosse colocado na sede da C. G. T. Financiarmente, lembravam que elle podia ser adquirido por subscrição para o que bastava contribuir para operário com 2 escudos.

Junto as acções ás palavras os autores do alvitre enviaram-nos 6 escudos.

A ideia que é bastante interessante a fica.

Na Alemanha

As consequencias da politica social-democrata e comunista

Nada succedeu na Alemanha por motivo da consagração de Hindenburgo como presidente da república imperialista.

Os comunistas renunciarão ás suas ameaças revolucionárias e os social-democratas arquivaram o seu pedido de anulação de eleições. O marechal tomou as rédeas do poder, e agora só lhe resta fazer a restauração da monarquia.

A recepção aos primeiros ministros dos Estados federados proporcionou a Hindenburgo a oportunidade de entrar em contacto pessoal com homens cuja cooperação se considera essencial.

Na recepção achavam-se representados todos os primeiros ministros.

O da Prússia, o socialista Braun, falando em nome dos socialistas, assegurou ao presidente a estreita cooperação de todos os presentes ao serviço do povo alemão. O marechal Hindenburgo respondendo, renovou as suas promessas de relações harmoniosas entre o governo central e os Estados.

O final da farça é digno dos politicos alemães.

O marechal Hindenburgo, o representante dos imperialistas, mantém-se no poder graças à covardia moral dos social-reformistas e à "indifferença" dos bolchevistas.

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias